

Antonio Chalhub

É mestre em Urbanismo com pós-graduação em Políticas Públicas e em Gestão Ambiental

OPINIÃO27

DOMINGO, 28 DE JULHO DE 2013 A GAZETA

/// O discurso verde fundamentalista está sufocando as atividades econômicas no território urbano

A preservação ambiental e a morte da cidade

O debate sobre a cidade, ao longo das últimas décadas, tem sido feito como se seu espaço fosse apenas de moradia e ampliação de áreas verdes. A origem do urbanismo enquanto área do conhecimento humano conceitua o espaço urbano como território de uma economia baseada nas atividades institucionais-administrativas, comerciais, industriais e de serviços.

As cidades assim foram surgindo e se especializando, ora mais, ora menos em

uma ou mais destas atividades, estruturando seu território de acordo com o desenvolvimento da economia. A cidade se mantém como infraestrutura de bens e serviços comunitários em função de sua capacidade de gerar riquezas, produzir renda para seus cidadãos e arrecadar tributos para investimento em melhorias dos serviços urbanos. Como diria o mestre Milton Santos, a cidade é uma “prótese” da humanidade sobre a natureza

para permitir a vida em sociedade.

O discurso verde fundamentalista sempre trata as áreas de preservação ambiental das cidades como se fossem do mesmo nível de grandes territórios rurais. Esse procedimento está paulatinamente sufocando as atividades econômicas no território urbano. Em processos recentes de planejamento urbano e na elaboração dos planos diretores municipais, tem-se retirado silenciosamente do zoneamento urbanístico as atividades industriais e restringido enormemente aquelas comerciais. As atividades de serviços em simbiose com o comércio também estão sendo banidas e até proibidas nas legislações equivocadas.

Estão tratando as cidades como se fossem um problema, mas na verdade elas

são a solução da vida em comunidade, uma invenção de mais de 10 mil anos. As dificuldades de mobilidade urbana, segurança, saneamento e outros apontados não são consequências da cidade, mas simplesmente problemas de má gestão das administrações públicas.

A retórica simplista da “qualidade de vida nas cidades decorrente da preservação ambiental” está retirando o essencial da vida urbana que é a concentração e complexificação das atividades de indústria, comércio e serviços sobre o território, característica essencial do seu desenvolvimento. É necessário que entendamos o território urbano como função econômica e social, pois de outra forma estaremos matando a cidade.